

EM TORNO DA *CASA-GRANDE*: o caso Gilberto Freyre

Elvya Shirley Ribeiro Pereira

Casa-Grande & Senzala,
Quarenta Anos
Ninguém escreveu em português
no brasileiro de sua língua
esse à-vontade que é o da rede,
dos alpendres, da alma mestiça,
medindo sua prosa de sesta,
ou prosa de quem se espreguiça.

João Cabral De Melo Neto

É lugar-comum, na fortuna crítica de Gilberto Freyre, se apontar a estatura literária do seu texto (“poético”, esteticamente bem elaborado) como força vitalizadora de suas reflexões teóricas ou como escamoteio dos seus valores ideológicos de classe dominante. Ao revisitar a produção do sociólogo, parece incontornável a discussão em torno desse deslizamento entre *ciência e literatura*: até que ponto a habilidade *literária* do escritor supriria as lacunas e resolveria os paradoxos do irreverente teórico da mestiçagem brasileira? Como o estilo conciliador de Freyre, na forma de uma escrita fluente e brejeira (“Uma prosa de quem se espreguiça”, diz o verso de João Cabral em poema a ele dedicado), pode ser ponderado tendo-se em vista o seu objeto de estudo: a sociedade brasileira colonial, mais precisamente o Nordeste da cana-de-açúcar no pleno exercício da violência de um regime escravocrata? Ou ainda: como dimensionar tal maleabilidade retórica, que dispõe sobre uma realidade que o escritor quer fluida, sensual e amena, na contraface das diferenças extremas entre os protagonistas de tal contexto histórico (reduzido, segundo a ótica de Gilberto Freyre, ao par) senhores e escravos?

Uma dialética da malandragem (?)

Marcada por uma concepção de modernidade centrada num “regionalismo tradicionalista” afeito ao patriarcalismo dos senhores de engenho, a enunciação das ideias de Gilberto Freyre afigura-se como um arcabouço bem ilustrado de fatores sócio-históricos e antropológicos pródigo de recursos “literários”. A prosa prolixa e elaborada do sociólogo, marcada por ambiguidades e torneios metafóricos¹ que a tornam agradável (fluente e bem humorada), sempre foi motivo de discórdias entre seus leitores, que se manifestam de forma apaixonada, crítica, ponderada ou desdenhosa quanto ao papel das ideias gilbertianas no contexto dos valores nacionais.

O discurso de Gilberto Freyre (ao qual ele atribui valor literário em detrimento do método científico) tem sido questionado quanto à justeza das análises e à coerência dos argumentos. Tratar-se-ia de um discurso no qual o estilo funcionaria mais como armadilha retórica a encobrir incoerências analíticas, bem como a uma ideologia conservadora. Em tese, advertem os críticos (desconfiados) que, na obra gilbertiana, a “sedução” da escrita serviria para encobrir as impropriedades, as contradições e as insuficiências teóricas do seu pensamento, bem como as deturpações históricas e o controle ideológico da sua classe social na construção de uma identidade brasileira. Nesta linha de raciocínio seguem, por exemplo, Luiz Costa Lima e Moema Selma D’Andrea.

No rigoroso ensaio “A versão solar do patriarcalismo: *Casa-grande & senzala*” (in *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989), Luiz Costa Lima questiona, entre outras “impropriedades”, a propalada “democratização social” no Brasil escravocrata de *Casa-grande & senzala*, bem como a ideia de que “a plasticidade nos inculcaria uma vivência de confraternização, desde a cama até os inocentes brinquedos” entre os filhos do senhor de engenho e os de escravos. Segundo Costa Lima,

a plasticidade destacada por Freyre sofre pois uma torção significativa: ela é a base sobre a qual opera uma verdadeira esquizofrenia social: a mão que manda nada tem a ver com a voz que fala. A voz que fala pode-se desligar da mão que manda, desde que esteja segura de que seu mando não está ameaçado. (1989, p. 235-6).

A dicotomia “poder e valor”, na forma como é apresentada por Freyre, estaria no centro da manipulação ideológica da classe dominante que ainda grassa na sociedade brasileira: “Neste sentido, conquanto forjadora de um mito, a interpretação gilbertiana continua válida, pelo menos enquanto continuarmos uma sociedade conservadora”, adverte Costa Lima. (idem, ibidem). Rigor semelhante na avaliação dos parâmetros

teóricos, das análises sociológicas e dos valores ideológicos de Gilberto Freyre também caracteriza o livro de Moema Selma D'Andrea — *A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. A ensaísta afirma que é

através do *referendum* cultural do colonizador que Gilberto Freyre irá reivindicar para o Regionalismo nordestino a expressão cultural mais autêntica da brasilidade. Apagando marcas e diferenças, amainando conflitos de classe e de raças, ele difunde o discurso “otimista” da identidade nacional, baseada no mito harmônico das três raças. (1992, p. 14).

Os dois críticos apresentam de maneira criteriosa uma série de contradições nos argumentos de Gilberto Freyre, apontando ora as suas hesitações teóricas — Costa Lima chega a identificar um “jogo de prestidigitação” em que “nenhum dos três conceitos, ‘raça’, ‘meio’ e ‘cultura’, apresenta definido seu raio de ação” (op. cit., p. 200) — ora os aspectos parciais e retrógrados da sua concepção sociocultural, os quais propõem, segundo Moema D'Andrea,

uma renovação *voltada* para um passado mítico, representado pelo que havia de mais tradicional: o poder e o esplendor da sociedade patriarcal açucareira, remanescente da época colonial e, àquela época, um *locus* em agônica decadência. Daí o tônus nostálgico de que se impregna a voz do “narrador” do *Manifesto Regionalista*. (op. cit., p. 139).

Nos argumentos desses dois críticos, percebe-se que a lógica e a coerência interna que em princípio se espera do discurso científico nem sempre eram prezadas pelo autor de *Casa-grande & senzala*, talvez por serem incompatíveis com seu afã de superar contradições de várias ordens (psicológicas, socioculturais, políticas, regionais, ideológicas etc.) e assim construir um *retrato falado* (em que pese o tom de oralidade de sua escrita) que desse conta da totalidade que para ele consistiria o Brasil. Para tanto, Gilberto Freyre abdica da estabilidade de princípios epistemológicos convencionais para os estudos socioantropológicos (num ambiente científico de base predominantemente étnico-pessimista), e se lança na aventura de um pensamento reflexivo e, ao mesmo tempo, criativo, “literário” — um *estilo* fluido e inspirado, em meio a valores múltiplos e interesses muitas vezes radicalmente antagônicos entre os atores das cenas historicamente demarcadas pelo escritor.

Freyre e o nosso Édipo histórico

Para repensar a versatilidade das estratégias retóricas de Gilberto Freyre, no que concerne à busca de uma identidade nacional pautada em valores afirmativos, por sua voz embutidos no processo de miscigenação que teria marcado a sociedade brasileira, talvez seja produtivo refletir com Bachelard a respeito dos chamados “obstáculos epistemológicos” que aprisionam ou retardam o processo de aquisição de novos conhecimentos. Segundo o pensador francês, “o epistemólogo — que nisso difere do historiador — deve destacar, entre todos os conhecimentos de uma época, as ideias fecundas. Para ele, a ideia deve ter mais que uma prova de existência, deve ter um destino espiritual” (Bachelard, 1996, p. 14).

Ao destacar justamente as “condições psicológicas do progresso da ciência”, Bachelard aponta para um aspecto de fundamental importância, o qual pode ser apropriado para se demarcar o lugar das ideias no processo de construção de um discurso identitário para o Brasil, num contexto histórico-literário (romântico e também modernista) bastante complexo, seja pela condição de país colonizado que foi (em período recente), pela diversidade cultural, seja pelo subdesenvolvimento econômico, ou, ainda, por sua condição mestiça (incômodo dado etnográfico à luz das ciências de base evolucionista e étnico-pessimista).

Para Bachelard, os “obstáculos epistemológicos” teriam um suporte psicológico que tende a situar o olhar do investigador no plano da experiência adquirida e dos valores estabelecidos: “No fundo, o ato de conhecer dá-se *contra* um conhecimento anterior”, diz o filósofo, argumentando ainda que “um fato mal interpretado por uma época permanece, para o historiador, um *fato*. Para o epistemólogo, é um *obstáculo*, um contra-pensamento”. Para concluir, observamos com Bachelard que “toda cultura científica deve começar por uma catarse intelectual e afetiva” (idem, p. 17- 24).

Este aspecto pontual das reflexões de Bachelard sobre os *obstáculos epistemológicos* revela-se bastante sugestivo para se pensar positivamente a “epistemologia intuitiva e ‘artística’” do sociólogo pernambucano, conforme esta é caracterizada por José Guilherme Merquior. “Nossa alienação ‘hespérica’ em relação à cultura de origem européia”, diz Merquior,

continuava vigente no Brasil de 1930. A resposta de Gilberto Freyre consistiu em assumir nosso Édipo histórico, aceitando sem complexos, como algo positivo, muitos aspectos da herança portuguesa. Seu famoso conceito de luso-tropicalismo se converteu na base teórica da incorporação em profundidade do ibérico à noção mesma de cultura nacional, no passado e no futuro. (1990, p. 349-350).

Em *Casa-grande & senzala*, assinala ainda Merquior, o Brasil teria superado “decisivamente seus complexos de inferioridade etnoculturais”. (idem, p. 348).

Ser ou não ser sociólogo

Vejam, agora, alguns depoimentos do próprio Gilberto Freyre a respeito dos seus princípios epistemológicos e da sua forma de engajamento cultural em defesa do que considera um modernismo de base verdadeiramente nacionalista, ou seja, o “regionalismo tradicional”. Em seu texto sugestivamente intitulado “Como e porque sou e não sou sociólogo”², diz Freyre:

O que principalmente sou? Creio que escritor. Escritor literário. O sociólogo, o antropólogo, o historiador, o cientista social, o possível pensador, são em mim ancilares do escritor. Se bom ou mau escritor é outro assunto. (1980, p. 26).

Ainda neste mesmo texto autobiográfico, Freyre vai mais longe e tenta justificar as consequências aparentemente negativas dessa sua opção por um pensamento que “parece”, em muitos momentos, correr ao sabor da improvisação ou da liberdade poética:

Sou escritor — ou um constante aprendiz de escritor — que nas suas tentativas de captar e interpretar aspectos situados da condição humana, em geral, através da do homem tropical, especialmente da do brasileiro, em particular vem procurando captá-los e interpretá-los por meio de várias perspectivas, por vezes simultâneas. Daí o confuso, o desordenado, o descontínuo que têm encontrado em meus trabalhos certos críticos literários. Talvez daí, a incompreensão, da parte de uns tantos outros, do que vem sendo, nesses trabalhos, o emprego de perspectivas científicas ao lado das humanistas, além de repetições e desordens na expressão e na fixação, possivelmente literária, dessas perspectivas por vezes simultâneas: expressão que daria a esses trabalhos, segundo alguns críticos, categoria artística ou qualidade poética e, segundo outros, os reduziria a um amontoado caótico de imagens, nem verdadeiramente científicas, nem literariamente sugestivas (idem, p. 15-6).

Em 15/04/1983, Gilberto Freyre volta a reafirmar, em entrevista concedida a Rosa Maria Godoy Silveira e a Moema Selma D’Andrea, sua dupla face, a de cientista social e a de escritor. Dizendo não considerar a sua “principal área” a dos estudos socioantropológicos, Freyre argumenta:

A minha principal área eu nem sei qual é. Eu sou um grande escritor, servido por um saber sociológico, antropológico, histórico, mas o que me dá realmente o máximo de

expressão, o que atua nesse meu âmbito de criatividade, é a minha combinação de ciência com arte e a arte de expressão artística (D'Andrea, op. cit., p. 215).

Ao defender invariavelmente a sua condição de escritor, Gilberto Freyre, que tinha fama de não permitir qualquer tipo de debate após suas palestras e conferências, se esquivava de ter que enfrentar no plano das ideias as possíveis impropriedades de suas obras que, a despeito da relativização anunciada, se inscreve, com letras maiúsculas e pelo próprio autor, no rol das reflexões socioantropológicas que pretendem explicar ou definir as linhas mestras da sociedade brasileira. Neste sentido, é oportuna a ressalva de Merquior no final de seu ensaio sobre o sociólogo:

Porém dificilmente conseguiremos expandir de maneira decisiva o âmbito de nossas análises socioculturais, enquanto a *forma mentis* de nossas (auto)interpretações insistir em recusar as disciplinas da razão crítica com o pretexto de uma suposta, e superior, imunidade do gênio ibérico frente à racionalidade. (Merquior, op. cit., p. 353)

As imponderáveis regiões da estética

Darcy Ribeiro, na introdução para a edição venezuelana de *Casa-grande e senzala* (ensaio considerado por Gilberto Freyre como “talvez o que de melhor já se escreveu a respeito”³, traça um irônico retrato do homem e do intérprete da cultura brasileira, aproveitando uma curiosa descrição (comparativa) de Euclides da Cunha feita pelo próprio Freyre:

Antes, durante e sempre, Gilberto Freyre vem cultivando, com rara intensidade, a sua condição de brasileiro. Com uma intensidade de quem suspeita de que não o é tanto assim. O melhor retrato que traçou de si mesmo é o que escreveu sobre Euclides da Cunha, caracterizando-o pelo que não tinha, nem era... coitado. Vejamos: Nem moças bonitas, nem danças, nem jantares alegres, nem almoços à baiana com vatapá, caruru, efó, feijoada à pernambucana, nem vinho, nem aguardente, nem cerveja, nem tutu de feijão à paulista ou à mineira, nem sobremesas finas segundo velhas receitas de iaiás dos sobrados, nem churrascos, nem mangas de Itaparica, abacaxis de Goiana, açaí, sopa de tartaruga, nem modinhas ao violão, nem pescarias de Semana Santa, nem siri com pirão, nem galos de briga, nem canário do Império, nem caçadas de onça ou de antas nas matas das fazendas, nem banhos nas quedas d'água dos rios de engenho — em nenhuma dessas alegrias caracteristicamente brasileiras Euclides da Cunha se fixou. Gilberto, sim. Demoradamente. Reiterada. Voluptuosamente. (Ribeiro, p. 1986, p. 124)

Darcy Ribeiro capta uma imagem do escritor e sociólogo pernambucano em pleno movimento literário conceptual. Desviando-se de uma prática argumentativa racionalista, esta marcação de Freyre define-se antes por uma prática saborosa da linguagem imantada de coisas do mundo que o cativa e o define num contexto estético-existencial do Nordeste. Mais que um chiste retórico, tal enumeração caótica define-se como profissão de fé do seu regionalismo tradicionalista, que funde linguagem coloquial, expressividade objetivada e direta, imaginário mundano, rico e variado.

Num ensaio intitulado “Estética e região: em torno de Gilberto Freyre”, Raul Lody busca a dimensão estética do Senhor de Apipucos em manifestações que extrapolam o meramente textual. Segundo Lody, “a obra de Gilberto Freyre é pictórica, saborosa na leitura e induz ao sabor físico das delícias regionais: é um exercício de *meta-sabor*” (Lody, 1997). O ensaísta, após trabalhar com exemplos no âmbito do “comer” e do “ver” na obra do sociólogo, conclui que Gilberto Freyre, “desenvolvendo uma teoria perceptiva, das *etnoestéticas da região*, contribui para melhor definir o formato e a consistência de patrimônio cultural, de arte regional, de antropologia da arte, de linguagens expressivas em território particular e universal” (idem).

Num ensaio de 1997, no contexto das homenagens dos dez anos da morte de Gilberto Freyre⁴, o sociólogo Roberto DaMatta tece uma das mais veementes defesas do estilo gilbertiano de produzir um conhecimento que, segundo ele, ganha relevância e originalidade justamente no entrecruzamento de ciência e arte, reflexão e expressão, biografia e história social. Para DaMatta, o que tornava Freyre um “grande narrador” não era só o fato de que “escrevia muito bem”, mas, sobretudo, “porque escolheu falar do Brasil de uma certa perspectiva”, juntando “o biográfico e o existencial com o histórico, o literário e o intelectual”, o que lhe permitiu construir uma “história cujo significado vai além das determinações semânticas dadas pelos códigos que orientam o senso comum e a reflexividade rotineira do mundo cotidiano”.

DaMatta enfatiza a irreverência com que Gilberto Freyre estuda o Brasil, “usando uma multimídia epistemológica, falando de comidas, plantas, doenças, roupas, remédios, hábitos de higiene, arquitetura, modos de falar, atitudes sexuais, literatura alta e popular, rezas, desenhos, cartas e fotografias”. Esta “nova metodologia baseada na decisão de não ter nenhum método, de não seguir nenhuma epistemologia estabelecida”, salienta DaMatta, teria dado a GF uma grande mobilidade reflexiva e uma liberdade criativa de fundamental importância para a construção de um pensamento crítico positivo em relação a nossa condição mestiça. Em *Casa-grande & senzala* se apresenta uma consciência ensaística que exprimiria “uma perturbadora relativização do racismo e das epistemologias ocidentais”.

O crítico identifica ainda em Freyre a ideia de “mestiçagem” como o grande agente no palco das ideias sobre o Brasil, “aparecendo sempre como uma poderosa metáfora da ambiguidade e do paradoxo Brasil: uma sociedade ‘ideologicamente mestiça’ ou híbrida”. Tais reflexões de DaMatta valorizam sempre a diversidade de escolhas temáticas e a dinâmica de pontos de vista abertos ou mesmo antagônicos em Freyre. Nisto se verificaria não possíveis equívocos científicos do autor de *Casa-grande & senzala*, mas, sobretudo, a força propositiva da narrativa de uma nação desrecalcada quanto às suas origens lusas e à sua visível face mestiça.

Lembra ainda Roberto DaMatta que o autor do *Manifesto Regionalista* foi quem primeiro articulou, através de sua obra, a ideia de “que somos uma cultura ‘mestiça’ e ‘misturada’, [de que temos] um modo de falar que fica **entre** os conceitos (o de raça e o de cultura; o de negro e o de branco; o de casa e o de rua)”. Por tudo isso, se poderia dizer, com DaMatta, que “Gilberto Freyre antecipa em algumas décadas a *démarche* pós-moderna que hoje assume sem vergonha ou remorso o conteúdo historicamente determinado e valorativo dos estudos sociais, tomando-os como indistacáveis de seus autores”.

Pensador polêmico e controvertido, Gilberto Freyre tornou-se referência para muitos escritores e pensadores da cultura brasileira, com largo trânsito, sobretudo, no regionalismo de 30 no Nordeste. Freyre trouxe para o centro dos estudos identitários da sociedade brasileira as marcas de uma existência pessoal vigorosa, pautada numa força telúrica e nostálgica do Nordeste da cana-de-açúcar, e pelo cosmopolitismo intelectual de uma formação adquirida nos Estados Unidos e na Europa, e da qual muito se orgulhava. Com isso, Gilberto Freyre provocou um abalo epistemológico nos estudos socioantropológicos, com fortes repercussões no campo das artes e das diversas formas de representação social.



NOTAS

- 1 Se, por um lado, a abundância de imagens e o jogo de contrastes apontam para uma estética barroca, por outro, o ideário nacionalista do pensamento de Freyre tem forte inspiração romântica nas suas formulações identitárias.
- 2 Este título evoca de forma direta o polêmico ensaio de outro nacionalista convicto, José de Alencar, que defendeu seus ideais estéticos e político-culturais num texto manifesto intitulado “Como e por que sou romancista” (in Teles, Gilberto Mendonça (Org.). *Prefácios de romances brasileiros*. Porto Alegre: Acadêmica, 1986).

- 3 Entrevista à revista *Playboy* em março de 1980. Fonte: Coutinho, Edilberto (Org.). *Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: Agir, 1994, p. 87-94.
- 4 Roberto DaMatta. Dez anos depois: em torno da originalidade de Gilberto Freyre. O ensaio data de 1997, e está no site da Fundação Gilberto Freyre (<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/fortuna/dezanos.htm>).

Referências

- FREYRE, Gilberto (1934). *O estudo das ciências sociais nas universidades americanas*. Recife: Momento.
- FREYRE, Gilberto (1937). *Mucambos do Nordeste*. RJ: Ministério da Educação e Saúde.
- FREYRE, Gilberto (1937). *Nordeste*. RJ: José Olympio.
- FREYRE, Gilberto (1941). *Região e tradição*. RJ: José Olympio.
- FREYRE, Gilberto (1943). *Problemas brasileiros de antropologia*. RJ: Casa do Estudante do Brasil.
- FREYRE, Gilberto (1946). *Modernidade e modernismo na arte política*. SP: Centro Acadêmico XI de Agosto.
- FREYRE, Gilberto (1952). *Manifesto regionalista de 26* (com texto introdutório do autor: vinte e cinco anos depois). Recife: Edições Região.
- FREYRE, Gilberto (1968). *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: UnB.
- FREYRE, Gilberto (1980). *Seleção para jovens*. 4. ed., RJ: José Olympio.
- FREYRE, Gilberto (1985). *Sobrados e mucambos*. 7. ed., RJ: José Olympio.
- FREYRE, Gilberto (1987). *Casa-grande & senzala*. 25. ed. RJ: José Olympio.
- FREYRE, Gilberto (1997). *Modos de homem & modas de mulher*. RJ: Record.
- BACHELARD, Gaston (1996). *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- COSTA LIMA, Luiz (1989). A versão solar do patriarcalismo: Casa-grande & senzala. In: _____. *A aguarrás do tempo*. RJ: Rocco.
- COUTINHO, Edilberto (1981). *A ficção do real em Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.
- DAMATTA, Roberto (1987). Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira, in *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. RJ: Rocco.
- DAMATTA, Roberto (1997). *Dez anos depois: em torno da originalidade de Gilberto Freyre*. Recife: Fundação Gilberto Freyre. Disponível em: <<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/fortuna/dezanos.htm>>. Acesso em: ago. 2007.
- D'ANDREA, Moema Selma (1992). *A tradição redescoberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista*. Campinas: Editora da Unicamp.
- LODY, Raul (1997). *Germinalidades: 10 escritos sobre Gilberto Freyre*. RJ: O Autor.
- MERQUIOR, José Guilherme (1981). Na casa-grande dos oitenta. In: *As ideias e as formas*. RJ: Nova Fronteira.
- MERQUIOR, José Guilherme (1990). Gilberto e depois. In *Crítica 1964-1989*. RJ: Nova Fronteira.
- RIBEIRO, Darcy (1986). Uma introdução a Casa-grande & senzala. In: _____. *Sobre o óbvio*. RJ: Guanabara.
- SANTOS, Luiz Antonio de Castro (1987). E Pernambuco falou para o mundo: o impacto de Gilberto Freyre na historiografia norte-americana, 1946-1971. In *Novos Estudos CEBRAP*, n. 18, set., p. 22-32.

Resumo

A obra de Gilberto Freyre traz uma clássica marca de polêmica: a confluência de reflexão e estilo, de pensamento e linguagem. Tal perspectiva geralmente desperta críticas positivas e negativas, ora sendo vista como agregação de forças complementares, buscando-se no estilo uma espécie de suplência às limitações teóricas ante a complexidade dos fatos; ora sendo condenada em nome da clareza e da objetividade científicas, considerando-se a expressividade estética como subterfúgio ou mascaramento crítico/ideológico. Neste artigo, discutem-se aspectos da produção e da recepção da obra de Gilberto Freyre, destacando-se o processo da mestiçagem na construção de uma identidade nacional e a confluência ciência e arte.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; mestiçagem; identidade; estilo; recepção.

Abstract

The work of Gilberto Freyre brings a classic brand of controversy: the confluence of reflection and style, thought and language. This perspective often induce positive and negative criticism, sometimes being seen as adding additional forces, seeking to style a kind of substitutive the theoretical limitations faced with the complexity of the facts, either being sentenced for clarity and scientific objectivity, considering the aesthetic expression as a subterfuge or critical / ideological masking. In this article, we discuss the production and reception of the work of Gilberto Freyre, emphasizing the process of miscegenation in building a national identity and the confluence of science and art.

Keywords: Gilberto Freyre, miscegenation; identity; style; reception.



PEREIRA, Elvya Shirley Ribeiro. Em torno da casa-grande: o caso Gilberto Freyre. *Légua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, A. 13, nº 6, 2014, p 109-118.

Elvya Ribeiro Pereira é Doutora pela PUC-RJ, com estudos pós-doutorais em Portugal, e Professora Plena de Literatura Brasileira da UEFS. Autora de *Piguara: Alencar e a invenção do Brasil*, dentre outros trabalhos publicados e organizados.